

Revisitando as construções causativas e perceptivas em Português: significado e uso

Augusto Soares da Silva
Universidade Católica Portuguesa, Braga

1. Introdução

É amplamente conhecida a complexidade sintáctica das construções em que participam os verbos causativos *fazer*, *mandar* e *deixar* e os verbos perceptivos *ver* e *ouvir*, e os seus equivalentes românicos. Têm sido descritas com minúcia as propriedades distribucionais e estruturais das diferentes construções com complementação infinitiva em que estes verbos participam (ver, para o Português, o estudo pioneiro de Raposo, 1981 e os estudos recentes de Gonçalves, 1999, 2000, 2001; Matos, 1999, 2001 e Gonçalves & Duarte, 2001). Mas são poucos os estudos centrados no significado e no uso destas construções. Menos ainda aqueles que têm procurado explicação para o interessante paralelismo semântico entre construções com verbos causativos e construções com verbos perceptivos.

Na sequência de trabalhos anteriores sobre a causação (Silva, 1995, 1999: cap. 5, 2000, 2004a, b, no prelo), procuraremos analisar os factores essencialmente *conceptuais* que explicam a existência das três construções causativas/perceptivas e determinam a escolha de cada uma. Entendemos por *construções* pares de forma e significado que existem independentemente dos verbos que nelas participam (Silva, 2003). Começaremos com um levantamento das propriedades distribucionais e estruturais das construções em causa. Na perspectiva da Gramática Cognitiva de R. Langacker (1987, 1991, 1999), caracterizaremos, a seguir, os *significados* destas construções e, assim, o modo específico como cada construção estrutura o evento subordinado. Finalmente, faremos uma análise sumária das (in)compatibilidades entre construções e verbos e breves referências à construção alternativa com complemento finito.

Como análise baseada no uso, observaremos o comportamento destas construções tanto no Português Europeu como no Português do Brasil, a partir de dois *corpora* disponíveis na *Linguateca – CETEMPúblico* e *CETENFolha*.

2. Três construções de infinitivo: propriedades formais

Existem em Português, não apenas duas, como nas outras línguas românicas, mas três construções de infinitivo em que participam os verbos causativos e perceptivos acima referidos. Estas construções são exemplificadas em (a), (b) e (c) de (1)-(4).

- (1) a. *A Maria fez/mandou/deixou / viu os miúdos correrem.*
 b. *A Maria fez/mandou/deixou / viu os miúdos correr.*
 c. *A Maria fez/mandou/deixou / viu correr os miúdos.*
 d. **A Maria fez/mandou/deixou / viu correrem os miúdos.*
- (2) a. *A Maria fez/mandou/deixou / viu eles correrem.*
 b. *A Maria fê-los/mandou-os/deixou-os / viu-os correr.*
 c. **A Maria fê-los/mandou-os/deixou-os / viu-os correrem.*
- (3) a. *A Maria fez/mandou/deixou / viu os miúdos lerem esse livro.*
 b. *A Maria fez/mandou/deixou / viu os miúdos ler esse livro.*
 c. *A Maria ?fez / mandou/deixou / ??/*viu ler esse livro aos miúdos.*
- (4) a. *A Maria fez/mandou/deixou / viu eles lerem esse livro.*
 b. *A Maria fê-los/mandou-os/deixou-os / viu-os ler esse livro.*
 c. *A Maria fez-lhes/mandou-lhes/deixou-lhes / *!??viu-lhes ler esse livro.*

O verbo principal pode ser imediatamente seguido ora pelo sujeito lógico do infinitivo, como em (1a, b) e (3a, b), ora pelo infinitivo, como em (1c) e (3c). Mas no primeiro caso há a diferença entre infinitivo flexionado (1a, 3a) e infinitivo não-flexionado (1b, 3b). Pelo contrário, quando o verbo subordinado segue imediatamente o verbo principal, ocorre sempre o infinitivo não-flexionado, como está ilustrado pela agramaticalidade de (1d). Passo a designar estas três estruturas sintácticas como construções VSV (1a, 3a), VOV (1b, 3b) e VV (1c, 3c). Além desta variação da ordem de palavras, há uma outra que também diz respeito ao sujeito lógico do infinitivo: é a variação de marcação de caso, envolvendo três possibilidades. Ele pode ser marcado (i) no nominativo, como em (1a, 3a) e (2a, 4a); (ii) no acusativo, como em (1b, 1c, 3b) e (2b, 4b); e (iii) no dativo, como em (3c) e (4c). A Tabela 1 sistematiza as propriedades distribucionais das construções causativas/perceptivas do Português.

ordem de palavras marcação de caso	VSV		VOV		VV	
	INF intrans. FLEX	INF trans. FLEX	INF intrans.	INF trans.	INF intrans.	INF trans.
nominativo - SUJ	1a, 2a	3a, 4a				
acusativo - OD			1b, 2b	3b, 4b	1c, 2b	
dativo - OI						3c, 4c

Tabela 1. Propriedades distribucionais das construções causativas/perceptivas

A não-alteração de marcação de caso do sujeito lógico do infinitivo dá origem à construção VSV, ao passo que VOV resulta da sua codificação como acusativo ou objecto directo do verbo principal. A agramaticalidade de (2c) mostra que o infinitivo flexionado não pode ocorrer com acusativo. A construção VV codifica o sujeito lógico do infinitivo como acusativo ou objecto directo do predicado complexo quando o verbo

subordinado é intransitivo ou de 1 argumento,¹ e como dativo ou objecto indirecto do predicado complexo – e ainda, embora mais raramente, como agentivo/instrumento – quando é transitivo ou de 2 (ou mais) argumentos. Existe uma pequena restrição na distribuição de VV com um dos verbos causativos: *fazer* não aceita bem VV com infinitivo transitivo e causado não pronominalizado (3c), mas já a admite quando o causado é cliticizado (4c). Essa restrição é maior com os verbos perceptivos: no mesmo contexto transitivo, VV é marginal ou mesmo agramatical (3c), e ainda mais quando o sujeito lógico do infinitivo é cliticizado (4c).

VSV, VOV e VV representam três estádios diferentes num *continuum* de independência/integração do evento complemento em relação ao evento principal. A Tabela 2 sistematiza as propriedades estruturais destas três construções.

+ independência do evento complemento - integração		- independência do evento complemento + integração
não-subida do Suj. Infinitivo Inf. flexionado	subida Suj. Infinitivo +clítico Inf. não-flexionado	subida Suj. Infinitivo +clítico Inf. não-flexionado
não-subida do Obj. Infinitivo negação encaixada	não-subida Obj. Infinitivo negação encaixada	subida Obj. Infinitivo +clítico não negação encaixada
bi-oracional	bi-oracional	mono-oracional
VSV	VOV	VV

Tabela 2. Propriedades estruturais das construções causativas/perceptivas

Num extremo do *continuum*, está VSV. O infinitivo exibe muitas marcas de um verbo independente: preserva as marcas de pessoa e número e, assim, a categoria acordo (mas não o tempo), donde a presença do infinitivo flexionado; preserva toda a sua estrutura argumental (nenhum dos argumentos do infinitivo se eleva a argumento do verbo principal), pelo que é impossível qualquer subida do clítico (tanto sujeito como complemento). O sujeito lógico do infinitivo é marcado no nominativo, da mesma forma que o sujeito de uma oração independente (SV). No outro extremo do *continuum*, está VV: o infinitivo não tem nenhuma marca de verbo independente e mostra todos os sinais de *elevação*, donde a subida de todos os clíticos e a impossibilidade da negação. Ou seja: o infinitivo é inteiramente integrado no verbo principal, formando com ele um verbo complexo (VV) e passando os seus argumentos a serem argumentos deste complexo. Num ponto intermédio, está VOV: o infinitivo preserva grande parte da sua estrutura argumental, sendo o evento complemento ainda visto como independente, mas o sujeito do infinitivo é marcado como objecto directo do verbo principal (VO).

Ao contrário de *fazer*, *mandar* e *deixar*, outros verbos igualmente causativos ocorrem apenas numa construção: verbos como *obrigar*, *forçar*, *incitar*, *convencer*, *autorizar*, *conduzir*, *induzir*, *levar*, *pôr* subcategorizam um complemento infinitivo

¹ Notar que (2b) é ambíguo entre VOV e VV. Isto acontece quando o verbo subordinado tem um só argumento e o sujeito lógico do infinitivo é cliticizado.

(flexionado ou não) introduzido pela preposição *a*, como em (5). Esta construção de infinitivo preposicionado está mais próxima de VOV, porque o sujeito lógico do infinitivo tem que ser marcado no acusativo, como objecto do verbo causativo – donde poder designar-se como VOaV. Os verbos perceptivos admitem uma construção aparentemente idêntica – o complemento preposicionado é um infinitivo gerundivo.

- (5) a. *A Maria obrigou/levou/pôs os miúdos a ler/lerem o livro.*
 b. *A Maria obrigou-os/levou-os/pô-los a ler/lerem o livro.*
 c. **A Maria obrigou/levou/pôs eles a lerem/ler o livro.*
- (6) a. *Vi-os a sair/sairem do cinema.*
 b. *Vi-os saindo do cinema.*

3. Os significados de VSV, VOV e VV

VSV, VOV e VV envolvem diferentes atribuições de proeminência focal dentro da cena complemento; em termos da Gramática Cognitiva de R. Langacker, imposições de diferentes *perfis* numa mesma *base* (e diferentes organizações *figura/base* e *trajector/landmark*). A sua base conceptual comum consiste na conceptualização de um evento no mundo como sendo causado ou percebido pelo sujeito principal – é esta a chave do paralelismo entre construções causativas e construções perceptivas. A diferença entre umas e outras diz respeito à natureza da interacção entre o sujeito principal e o evento complemento: as construções perceptivas perfilam o contacto perceptivo estabelecido pelo sujeito principal (percebedor) com o evento subordinado, ao passo que as construções causativas perfilam o *input* de energia ou a força instigadora, codificada no sujeito principal (causador), responsável pela ocorrência do evento complemento.

Seguindo os estudos de Achard (1996, 1998) para o Francês, o factor determinante da escolha de uma construção causativa/perceptiva particular tem a ver, para além do grau de independência com que o evento subordinado é visto em relação ao evento principal, com qual entidade do evento subordinado é perfilada como *inicialmente saliente* (como o alvo “inicial” da força ou do contacto) – ou o próprio evento como um todo, ou o participante principal nesse evento, isto é, o sujeito lógico do infinitivo. É a capacidade de o sujeito lógico do infinitivo ser visto como *fonte de energia* do evento complemento que motiva VOV (e VSV), e é a incapacidade de o mesmo participante ser tomado como tal que determina VV.

Vejamos a conceptualização específica ou *imagem* mental que cada construção impõe na base comum. Usando os diagramas da Gramática Cognitiva, as Figuras 1, 2 e 3 representam essas três *imagens* específicas². VSV, na Figura 1, toma todo o evento complemento como alvo do contacto estabelecido pelo sujeito principal; por outras

² Os rectângulos delimitam o cenário dentro do qual ocorrem os eventos (o rectângulo interior indica o evento subordinado). Os círculos indicam os participantes do evento envolvidos numa cadeia de acção – no evento canónico, os participantes agente ou *trajector* (tr) e paciente ou *landmark* (lm). A seta dupla indica a transferência de energia do agente para o paciente e a seta em ziguezague, a mudança. A saliência ou proeminência focal é marcada por linhas mais grossas.

palavras, como *landmark* (lm) do verbo principal. Retomando os exemplos (1a) e (3a), o sujeito *a Maria* elabora o *trajector* (tr) do verbo principal e todo o evento complemento *os miúdos brincarem*, em (1a), e *os miúdos lerem o livro*, em (3a), elabora o *landmark* do mesmo verbo causativo/perceptivo. A nível da oração principal, a proeminência focal é atribuída ao evento complemento como um todo, e não aos seus participantes individuais. É assim que o evento subordinado e o seu sujeito preservam a sua autonomia. VSV perfila pois uma relação indirecta entre dois eventos com interacção entre dois *trajectores* (duas fontes de energia).

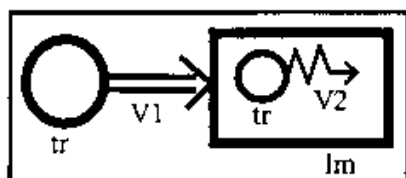


Figura 1. VSV

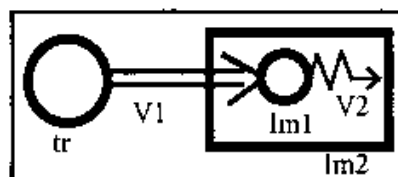


Figura 2. VOV

VOV e VV incorporam este mesmo conteúdo conceptual, na medida em que tomam igualmente um evento como complemento, mas estruturam-no de maneira diferente, conferindo proeminência focal a uma entidade do evento complemento. Em VOV, Figura 2, é ainda o evento subordinado como um todo que é perfilado, mas ao mesmo tempo o participante principal nesse evento (sujeito lógico do infinitivo) é destacado. É este participante que é tomado como alvo específico do contacto estabelecido pelo sujeito principal, como *landmark* primário (lm₁) (objecto ou *tema*) do verbo principal. Ao mesmo tempo, ele é também reconhecido como *trajector* ou fonte de energia válida do evento complemento, sendo todo o evento complemento tomado como *landmark* secundário (lm₂) do mesmo verbo principal. O sujeito lógico do infinitivo desempenha, portanto, duas funções em dois eventos: *landmark* do evento principal (causador/percebedor) e *trajector* do evento subordinado (causado/percebido). Retomando (1b) e (3b), o sujeito lógico do infinitivo *os miúdos* elabora o *landmark* primário do verbo principal e o evento complemento como um todo *os miúdos correr*, em (1b), e *os miúdos ler o livro*, em (3b), funciona como *landmark* secundário do mesmo verbo principal.

VOV perfila, assim, uma relação ainda indirecta entre os dois eventos, mas com uma interacção mais directa entre os seus *trajectores*. O sujeito principal interage directamente com o objecto “elevado”, o qual é tomado como *ponto de referência* (Langacker, 1995, 1999: cap. 11). Quer dizer: o evento complemento é acedido através do seu participante principal e é na qualidade de ponto de referência que este último é tomado como objecto do verbo principal.

Podemos refinar a análise utilizando as noções de Langacker de *zona activa* e *ponto de referência*, que o próprio Langacker (1995, 1999: cap. 11) aplica na análise das construções de elevação. A *zona activa* de uma entidade envolve “as facetas da entidade capazes de interagir directamente com determinado domínio ou relação” (Langacker, 1987: 272). Em VSV é o evento complemento como um todo que é perfilado como *landmark* do verbo principal e é igualmente esse todo que directamente

participa nessa relação perfilada, ou seja, é esse todo que é a zona activa do *landmark* da oração principal. Mas em VOV há uma certa discrepância entre *perfil* e *zona activa* e, ao mesmo tempo, uma conceptualização metonímica do evento subordinado. Com efeito, a proeminência atribuída ao sujeito do infinitivo “elevado” faz com que ele seja perfilado como *landmark* da oração principal e adquira o estatuto de *ponto de referência* relativamente ao complemento infinitivo (sendo este último a zona activa do *landmark* do evento principal). É justamente este comportamento que inviabiliza a leitura imprópria de que o que é causado ou percebido é um indivíduo.³

Ao contrário das verdadeiras construções de *elevação*, aqui, em VOV, o sujeito principal interage directamente com o objecto elevado, sendo este tomado como *ponto de referência*, não só por ser o *trajector* do evento visado, mas também por ser ele o alvo específico da contacto/força exercido pelo sujeito principal. Essa interacção directa é mais evidente com os verbos causativos (do que com os verbos perceptivos) e ainda mais com *fazer* e *mandar* do que com *deixar*. Consequentemente, o verbo principal impõe restrições no objecto elevado. Em termos da noção de *transparência* – o facto de que “any element that can occur in the appropriate position in the subordinate clause can likewise occur in ‘raised’ position in the main clause” (Langacker, 1995: 40) –, a construção VOV exhibe transparência mínima em relação à escolha do seu objecto.

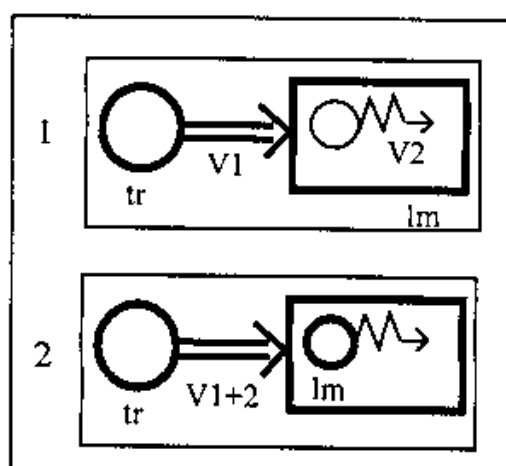


Figura 3: VV

Seguindo a descrição de Achard (1996: 327), a construção VV, na Figura 3, envolve duas atribuições consecutivas de proeminência focal secundária ou estatuto de *landmark*. Em primeiro lugar, o evento complemento como um todo é tomado como *landmark* do verbo principal. Trata-se de uma operação parecida com a que ocorre em VSV, mas com uma diferença essencial: em VSV o sujeito do infinitivo mantém a sua saliência inicial, ao passo que nesta primeira etapa de VV perde a saliência inicial. Mais precisamente, é a actividade ou processo expresso pelo infinitivo (V_2) que constitui a *zona activa* do *landmark* da oração principal. Daqui resulta, precisamente, a formação

³ Não seria pois necessária a alteração, feita no quadro da Gramática Gerativa, de uma análise de VOV em termos de “subject-to-object raising” para uma análise em termos de “exceptional case marking” (ECM).

de um predicado complexo (V_{1+2}) e, conseqüentemente, a perfilação de um único evento. Em segundo lugar, o sujeito do infinitivo ganha proeminência focal, readquire a sua saliência intrínseca e passa a ser perfilado como *landmark* deste verbo complexo – *landmark* primário com infinitivo intransitivo (é esta a imagem que a Figura 3 representa) e *landmark* secundário com infinitivo transitivo. Retomando (1c) e (3c), durante a primeira operação cognitiva, o infinitivo *correr*, em (1c), e o infinitivo *ler*, em (3c), elaboram o *landmark* do verbo principal, e assim se forma o verbo complexo. Durante a segunda operação cognitiva, o nominal *os miúdos* elabora, em (1c), o *landmark* primário (objecto directo) e, em (3c), o *landmark* secundário (objecto indirecto) desse verbo complexo. VV constrói, assim, o participante principal do evento complemento como argumento interno – tema (com infinitivo intransitivo) ou experienciador/recipiente (com infinitivo transitivo) – de um único verbo complexo e perfila uma única actividade ou processo com um único *trajector* exercendo controlo sobre todo o evento.

De VSV até VV ocorre uma mudança que pode ser descrita, em termos de Langacker (1999: cap. 10), como processo progressivo de *atenuação no controlo do sujeito*: o sujeito lógico do infinitivo vai gradualmente perdendo controlo sobre a sua própria actividade. E daqui resulta o que é típico num processo desta natureza: um grau maior de gramaticalização do verbo principal na construção VV.

A coerência destas construções resulta também das suas relações estreitas com outras construções e do facto de para elas serem recrutados recursos já existentes. Neste aspecto, é paradigmática a motivação externa de VV. A sua aparente anomalia sintáctica desaparece, não só quando constatamos que a forma V+INF está atestada em muitas outras construções, mas sobretudo quando, com Kemmer & Verhagen (1994), reconhecemos nela uma extensão de construções canónicas: a construção transitiva constitui o modelo conceptual para a formação de VV com infinitivo intransitivo e a construção ditransitiva, o modelo para VV com infinitivo transitivo.⁴

Quanto à construção de infinitivo preposicionado VO α V, admitida por verbos causativos como *obrigar*, *forçar*, *conduzir*, *levar*, ela simboliza, através da preposição α , uma distância maior entre evento causador e evento causado e o percurso que conduz o causado em direcção à realização do evento expresso no infinitivo. VO α V exhibe, assim, semelhanças com as construções de movimento causado e ditransitiva: todas partilham o significado de ‘movimento causado de uma entidade em direcção a uma meta’.

4. O uso das construções no Português Europeu e no Português do Brasil

Observemos agora o comportamento destas construções nas duas variedades nacionais do Português. Para o efeito, tomámos dois *corpora* disponibilizados pela *Linguatca*, projecto AC/DC (Santos & Sarmiento, 2003): o *CETEMPúblico*, de cerca de 180 milhões de palavras em Português Europeu (PE), criado a partir do jornal *Público*, entre os anos 1991 e 1998; e o *CETENFolha*, de cerca de 24 milhões de

⁴ Pode admitir-se uma explicação diferente, em termos de *integração conceptual* – mescla transitiva no primeiro caso e mescla de transferência no segundo (Fauconnier & Turner, 1996).

palavras em Português do Brasil (PB), criado com base no jornal *Folha de S. Paulo*, de 1994. Seleccionámos apenas uma parte de cada um dos *corpora*: do 2º semestre de 1994, cerca de 5 milhões do *CetemPúblico* (correspondente a um terço do total do semestre) e cerca de 5 milhões do *CetenFolha* (correspondente a metade do total do semestre). A respectiva base de dados construída contém um total de 4.910 registos de construções causativas/perceptivas, sendo 2.755 do PE e 2.155 do PB.⁵

A Tabela 3 apresenta a frequência das construções infinitiva, reflexiva e finita.

PE	<i>fazer</i>		<i>deixar</i>		<i>mandar</i>		<i>ver</i>		<i>ouvir</i>	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
c. infinitiva	1121	74,3	366	64,3	172	97,2	261	70,2	127	98,4
c. reflexiva	167	11,1	142	25,0	0	0,0	2	0,5	0	0,0
c. finita	220	14,6	61	10,7	5	2,8	109	29,3	2	1,6
total	1508		569		177		372		129	

PE – *CetemPúblico*

PB	<i>fazer</i>		<i>deixar</i>		<i>mandar</i>		<i>ver</i>		<i>ouvir</i>	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
c. infinitiva	693	63,3	212	59,7	252	91,0	192	55,2	76	93,8
c. reflexiva	42	3,8	80	22,5	0	0,0	1	0,3	0	0,0
c. finita	359	32,8	63	17,7	25	9,0	155	44,5	5	6,2
total	1094		355		277		348		81	

PB – *CetenFolha*

Tabela 3. Frequência das construções infinitiva, reflexiva e finita

A construção com complemento infinitivo é bem mais frequente, em ambas as variedades, do que a construção alternativa de complemento finito. Em relação a esta última, verifica-se uma frequência ligeiramente superior no PB. Pela sua própria semântica, o verbo *mandar* não admite a construção reflexiva, possível com *ouvir*.

A Tabela 4 apresenta a frequência das três construções de infinitivo VSV, VOV e VV, tanto quanto é possível identificá-las, isto é, nas seguintes condições: sujeito lógico do infinitivo expresso, sua cliticização nas formas da terceira pessoa e ainda, nestes casos de cliticização, quando o infinitivo é transitivo. Acrescente-se que a construção VSV é identificável apenas nos casos das formas plenas do infinitivo flexionado e/ou das formas nominativas do sujeito pronominalizado. A Tabela dá conta do factor da valência do infinitivo, distinguindo-se entre infinitivo (Tr.) *transitivo* (subcategoriza objecto directo), (\pm Tr.) *semi-transitivo* (subcategoriza um argumento interno diferente do objecto directo) e (Intr.) *intransitivo* (sem qualquer complemento). Consequentemente, do total de ocorrências de cada um dos três verbos causativos com complemen-

⁵ Agradeço a Diana Santos e a Luís Fernando Costa, do projecto AC/DC, toda a ajuda prontamente prestada em fórmulas e comandos para a obtenção dos dados.

tação infinitiva, identificado na Tabela 3 (por ex., 1.121 ocorrências de *fazer* + Inf no *CetemPúblico*), apenas uma parte, correspondente aos casos em que se verificam aquelas três condições, é contabilizada na Tabela 4 (688 ocorrências de *fazer* + Inf no mesmo *corpus*). Mesmo assim, poderá dizer-se que a construção VV – a mais penalizada pela não explicitação do sujeito lógico do infinitivo – terá nos *corpora* analisados uma frequência superior à da Tabela 4 (teria sido este o resultado se tivéssemos contabilizado as locuções do tipo *fazer/deixar ver/entender* com causado invariavelmente implícito, mas que representam realizações de VV; ou a construção bastante frequente *ouvir falar*).

PE	fazer			deixar			mandar			ver			ouvir		
	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr
VSV	3	2	0	1	4	2	1	1	0	9	7	6	3	0	0
VOV	53	21	21	23	7	26	9	1	5	61	9	34	29	5	3
VV	41	164	383	0	9	138	8	1	8	3	7	74	0	1	3
total															
VSV	5	0,7%		7	3,3%		2	5,9%		22	10,5%		3	6,8%	
VOV	95	13,8%		56	26,8%		15	44,1%		104	49,5%		37	84,1%	
VV	588	85,5%		146	69,9%		17	50,0%		84	40,0%		4	9,1%	

PE – *CetemPúblico*

PB	fazer			deixar			mandar			ver			ouvir		
	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr
VSV	38	21	17	15	6	8	12	5	2	10	3	17	2	1	2
VOV	102	42	103	13	14	38	29	8	5	37	22	53	14	0	3
VV	13	28	149	4	1	61	8	0	2	1	0	25	2	0	0
total															
VSV	76	14,8%		29	18,1%		19	26,8%		30	17,9%		5	20,8%	
VOV	247	48,1%		65	40,6%		42	59,2%		112	66,7%		17	70,8%	
VV	190	37,0%		66	41,3%		10	14,1%		26	15,5%		2	8,3%	

PB – *CetenFolha*

Tabela 4. Frequência das construções de complementação infinitiva VSV, VOV e VV

Os resultados da Tabela 4 mostram as seguintes diferenças entre o PE e o PB:

(i) Maior frequência da construção VSV no PB, com todos os verbos causativos e perceptivos, claramente menos frequente no PE: dos universos da Tabela 4, temos 17% (159 ocorrências) no *CetenFolha*, contra apenas 3,3% (39 ocorrências, sendo 22 da construção com *ver*) no *CetemPúblico*. A maior produtividade de VSV no PB está também patente no facto de os casos de sujeito lógico do infinitivo no plural serem quase sempre seguidos de infinitivo flexionado.

(ii) Maior produtividade da construção mono-oracional VV no PE, com todos os verbos causativos e perceptivos, claramente menos produtiva no PB: 70,8% (839 ocorrências) no *CetemPúblico*, contra 31,4% (294 ocorrências) no *CetenFolha*. Com infinitivo transitivo, a produtividade de VV no PB é ainda menor: 9,3% no *CetenFolha*, contra 21,3% no *CetemPúblico*, sendo maior a divergência com o verbo *fazer*. Mesmo assim, não se pode negar a existência da construção VV no PB: encontram-se manifestações de efeitos de predicado complexo, tais como subidas de clítico, atestadas em exemplos como os de (7).

- (7) a. *o velho diplomata, sabendo quem era, não esperou que acabasse o charuto; mandou-lhe dizer que viesse (CetenFolha, par 107999)*
 b. *espécie de hipertrofia intelectual, associada a uma anemia afetiva que lhes fez perder um aspecto essencial (CetenFolha, par Ilustrada-94b-nd-1)*
 c. *Quando me perguntava se sonhara com ela na véspera, e eu dizia que não, ouvia-lhe contar que sonhara comigo (CetenFolha, par 105602)*

Considerando o factor da transitividade do infinitivo, verifica-se que tanto no PE como no PB, com infinitivo transitivo, a opção preferida é a construção VOV: 71,7% de VOV contra 21,3% de VV no *CetemPúblico*, e 65% de VOV contra 9,3% de VV no *CetenFolha*. Esta tendência comum é semanticamente motivada: o sujeito de um verbo transitivo é agentivo por definição, adaptando-se, por isso, melhor à construção que reconheça o seu valor agentivo, justamente a construção bi-oracional VOV. Pelo contrário, a construção mono-oracional VV tende a preferir infinitivos intransitivos, e esta tendência é mais evidente no PE (86,2% de VV contra 8,9% de VOV) do que no PB (48,9% de VV contra 41,6% de VOV); facto que tem também a ver com a menor produtividade de VV na variedade brasileira.

Verifiquemos agora a distribuição das funções sintácticas ou casos do sujeito lógico do infinitivo, tanto pleno como pronominalizado, apresentada nas Tabelas 5 e 6, respectivamente, nas mesmas condições de identificação referidas para a Tabela 4. Na Tabela 5, não estão indicadas as ocorrências do sujeito lógico do infinitivo como nominativo, próprias da construção VSV.

PE	<i>fazer</i>			<i>deixar</i>			<i>mandar</i>			<i>ver</i>			<i>ouvir</i>		
	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr
Acusativo	16	153	363	10	11	130	4	1	3	52	15	108	23	3	6
Dativo	25	2	0	0	0	0	3	0	0	1	0	0	0	0	0
Oblíquo	5	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0

PE – *CetemPúblico*

PB	<i>fazer</i>			<i>deixar</i>			<i>mandar</i>			<i>ver</i>			<i>ouvir</i>		
	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr
Acusativo	69	48	236	3	9	85	26	5	4	32	22	74	13	0	2
Dativo	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Obliquo	2	0	0	1	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0

PB – *CetenFolha*

Tabela 5. Frequência das funções sintáticas do sujeito do infinitivo pleno

A Tabela 6 diz respeito às formas fortes (não-clíticas) do pronome pessoal em caso nominativo e aos clíticos acusativo e dativo de terceira pessoa, em posição tanto enclítica como proclítica (ou ainda mesoclítica).

PE	<i>fazer</i>			<i>deixar</i>			<i>mandar</i>			<i>ver</i>			<i>ouvir</i>		
	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr
Nominativo	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Acusativo	39	27	41	13	5	32	5	2	10	11	2	28	5	3	3
Dativo	9	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0

PE – *CetemPúblico*

PB	<i>fazer</i>			<i>deixar</i>			<i>mandar</i>			<i>ver</i>			<i>ouvir</i>		
	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr	Tr	±Tr	Intr
Nominativo	7	3	2	11	4	2	4	3	0	2	0	2	0	0	1
Acusativo	29	19	14	1	2	11	4	0	2	3	2	11	2	1	2
Dativo	10	0	0	2	0	1	3	0	1	1	0	1	2	0	0

PB – *CetenFolha*

Tabela 6. Frequência das funções sintáticas do sujeito do infinitivo pronominalizado

Tanto no PE como no PB, o sujeito de infinitivo intransitivo não-pronominalizado nunca ocorre em dativo ou objecto indirecto, e quando cliticizado encontramos, no PB, apenas três ocorrências do dativo, com os verbos *deixar*, *mandar* e *ver*. Com infinitivo transitivo, parece haver maior tendência para o sujeito dativo no PE do que no PB, sobretudo quando não-pronominalizado – facto que está ligado à maior produtividade da construção VV no PE. De qualquer forma, a frequência de sujeito dativo é relativamente reduzida, o que confirma a tendência, acima referida, de em contexto de infinitivo transitivo a opção preferencial ser VOV. Por outro lado, o número relativamente elevado de ocorrências de *fazer* na construção VV com infinitivo transitivo e sujeito do infinitivo pleno no dativo, no *CetemPúblico*, parece não confirmar os juízos de pouca aceitabilidade da construção mono-oracional com este verbo causativo, marcados no exemplo (3c), acima, e referidos por Gonçalves & Duarte

(2001: 660). É de notar, porém, que grande parte das 25 ocorrências desta construção com *fazer* apresenta o causado dativo entre o predicado complexo e o objecto directo, em construções do tipo *fazer saber/compreender/lembrar a alguém que*. Observe-se, ainda, tanto no PE como no PB, embora em frequência reduzida, a atestação do causado no caso oblíquo, como agentivo ou instrumento, introduzido pela preposição *por* (uma ou outra vez, *através*), associado sempre a infinitivos transitivos. Por outro lado, a não ocorrência no PE do causado pronominalizado nas formas nominativas (apenas dois exemplos, mas que podem ter resultado de influência da variedade brasileira).

Por último, encontram-se exemplos de infinitivo flexionado em posição imediatamente a seguir ao verbo causativo – construção que acima, em (1d), marcámos como agramatical, e que está atestada no PB em exemplos como (8); o que pode ser interpretado como manifestação da produtividade do infinitivo flexionado em construções causativas na variedade brasileira.

- (8) a. *O acinte dos 300 congressistas, ou 295, que elevaram os próprios salários fez reaparecerem as pressões militares (CetenFolha, par Brasil-94b-pol-1)*
 b. *o empenho do lateral-direito Cafu, que substituiu Jorginho, fez surgirem algumas jogadas. (CetenFolha, par Esporte-94b-des-1)*

5. Compatibilidades entre construções e verbos

5.1. Dinâmica de forças e verbos causativos

Os verbos causativos *fazer* e *deixar* exprimem dois esquemas de *dinâmica de forças* (Talmy, 1988, 2000) bem diferentes: com *fazer*, a entidade mais forte, o causador, aplica uma força contra a tendência da segunda entidade, o causado, ao passo que com *deixar* o causador abstém-se de exercer uma força que interfira na disposição do causado. Consequentemente, o resultado da oposição de forças para o causado é contrário à sua tendência de força em *fazer* (isto é, o causado sofre alguma mudança), mas é o mesmo em *deixar*. *Fazer* envolve pois influência e perfila uma causação (mais) directa, ao passo que *deixar* envolve não-influência e perfila uma causação (mais) indirecta, melhor, uma causação *negativa* (Silva, 1999, 2000). Seria assim de esperar que *fazer* seleccionasse a construção VV e *deixar* a construção VOV (e VSV). Seria também de esperar que a construção mono-oracional VV fosse reservada para codificar a causação física e as construções bi-oracionais VOV e VSV, para a causação indutiva, própria da interacção humana. Tal, porém, não acontece, como já se pôde verificar pelos exemplos (1)-(4). E o facto mais surpreendente é que *fazer*, ao contrário de todos os seus equivalentes românicos, toma também VOV (e VSV). De facto, há uma maior flexibilidade na combinação de verbos e construções causativas no Português do que nas outras línguas românicas.

Muito sumariamente, vejamos mais alguns exemplos da interacção entre verbos e construções no Português (ver Silva, 2004a, b, para uma análise mais desenvolvida).

A distribuição de VSV-VOV e VV com *fazer* e *deixar* é determinada, em parte, pelo factor da agentividade do causado, referido acima. É assim que causados não-animados tendem a ser usados na construção VV, como em (9) e (10).

- (9) a. *A Maria deixou cair o livro.* (VV)
 b. *??A Maria deixou o livro cair.* (VOV)
 (10) a. *A Maria fez cair o livro.* (VV)
 b. *??A Maria fez o livro cair.* (VOV)

Mas quando o causado não-animado é conceptualizado como *fonte de energia* do evento expresso no infinitivo, então VOV é seleccionado, como em (11)-(12), ou mesmo VSV, como em (13).

- (11) *Deixa o leite subir até cima!*
 (12) *Fez a bola (ganhar altura e) passar por cima do guarda-redes.*
 (13) *Muitos milhões de dólares já foram sacrificados a esta ambição de fazer os carros andarem a electricidade.*

Causados humanos, porque prototipicamente agentivos, seriam então mais compatíveis com as construções VOV e VSV. Mas as coisas complicam-se agora ainda mais, porque outros factores podem ser determinantes. Com efeito, a causação a nível intencional (e interpessoal) é mais complexa do que a que ocorre a nível (puramente) físico. Comparemos os exemplos (a) e (b) de (14)-(15).

- (14) a. *Bush fez regressar os seus marines ao Iraque.* (VV)
 b. *Bush fez os seus marines regressar/em ao Iraque.* (VOV/VSV)
 (15) a. *Bush deixou regressar os seus marines ao Iraque.* (VV)
 b. *Bush deixou os seus marines regressar/em ao Iraque.* (VOV/VSV)

Tanto em (14a) como em (15a), o regresso dos marines ao Iraque é visto como directamente induzido por Bush, pelo que este fez, em (14a), ou nada fez, em (15a), contra a tendência dos marines. Bush é assim visto como tendo inteira responsabilidade por esse regresso, pelo que a actividade dos marines não é perfilada. Daí a construção VV. Em (14b) e (15b), Bush é igualmente responsável pelo regresso dos marines ao Iraque, mas agora este regresso é visto como dependente também dos marines – da cessação da sua resistência e da sua capacidade em iniciar esse processo forçado, em (14b), ou da sua vontade inicial em querer realizar esse processo (pedindo autorização), em (15b). Ou seja, o papel agentivo do causado é agora perfilado e a sua intervenção activa no evento induzido/autorizado é especificada, o que requer VOV-VSV.

O sentido mais coercivo de *fazer* é factor suficiente para a selecção de VOV (ou VSV), como ilustrado em (16). Por seu lado, o sentido normativo de *deixar*, porque presume autoridade do causador e um pedido implícito de permissão por parte do causado, tende a ser mais compatível com VOV, como em (17). E o sentido de 'não

intervir' do mesmo verbo, porque perfila uma atitude passiva do causador, tenderá a ser também mais compatível com a construção bi-oracional, como em (18). Mas com causados não-animados já é mais provável encontrar este sentido 'passivo' em VV, como *deixar caducar o prazo* (??*deixar o prazo caducar*) ou *deixar crescer o cabelo* (?*deixar o cabelo crescer*). Tudo isto, porém, são simples tendências, que podem ser contrariadas por factores pragmáticos ou outros.

- (16) a. *A mãe fez o(s) filho(s) estudar(em) durante duas horas.* (VOV/VSV)
 b. ??*A mãe fez estudar o filho durante duas horas.* (VV)
- (17) a. *O pai não deixou a Maria fumar.* (VOV)
 b. ?*O pai não deixou fumar a Maria.* (VV)
- (18) a. *A Maria é irresponsável: deixa o filho fazer o que ele quer.* (VOV)
 b. ?*A Maria é irresponsável: deixa fazer ao filho o que ele quer.* (VV)

Quanto a *mandar*, os traços de ordenação directa e causação directa e intencional mas não-implicativa e mediata explicam a sua tendência para a construção bi-oracional VOV, como ilustrado em (19). Mas a possibilidade de não explicitação do destinatário abre caminho à construção VV (real ou aparente).

- (19) a. *Mandei o rapaz ir embora.* (VOV)
 b. ??*Mandei ir embora o rapaz.* (VV)

Existem factores mais específicos: entre outros, as propriedades semânticas dos verbos principal e subordinado e dos seus sujeitos; o grau de gramaticalização e de lexicalização (ambas favoráveis a VV); e factores discursivos ou mesmo sintácticos. Por exemplo, a lexicalização ocorre frequentemente com verbos de percepção física ou mental como (*fazer/deixar*) *ver, entender, supor* e com verbos básicos de movimento como (*deixar*) *cair, passar, andar, correr, vir, entrar;* (*mandar*) *vir, entrar, parar.*

5.2. Verbos perceptivos e pontos focais

A distribuição das três construções com os verbos perceptivos depende do tipo de evento percebido e da natureza (i)mediata da percepção. Existem eventos que podem (e devem) ser percebidos instantânea e globalmente, sem ser necessário identificar nem focalizar a sua origem ou participante principal (Kirsner & Thompson 1976). O mesmo é dizer que, nestes casos, é a actividade ou processo expresso pelo infinitivo que tem *saliência inicial*, e não os seus participantes. O infinitivo tende então a formar uma unidade com o verbo perceptivo, resultando VV. Esses eventos correspondem a experiências sensoriais básicas. Por exemplo, não ouvimos objectos mas sons, pelo que não é raro ouvir um som ou barulho sem identificar a sua origem. Formam-se assim rotinas auditivas como *ouvir chamar/gritar/chorar* e *ouvir dizer/falar*, que chegam a não explicitar o sujeito do infinitivo. Como Hatcher (1944) fez notar, tendem a formar-se unidades visuais com verbos que anunciam a entrada de alguém ou algo em cena, mais ou menos inesperada, como *ver entrar, aparecer, surgir, chegar, vir, nascer.*

Pelo contrário, eventos cujo conteúdo conceptual não se possa fixar apenas no sentido evocado pelo seu verbo e, sobretudo, em que seja relevante a percepção da sua origem ou participante principal, tenderão a combinar-se com VOV-VSV. Todavia, em casos de percepção não imediata, quer como re-colecção e avaliação de múltiplas instâncias do evento infinitivo (*ver* 'sumariador'), quer como conceptualização de ordem mais mental, estes mesmos eventos já poderão ocorrer em VV (Achard, 1996).

5.3. Infinitivo transitivo e construção do sujeito como dativo

A distribuição das três construções com infinitivo transitivo segue os factores que temos vindo a referir. No entanto, há aqui um factor particular que impõe restrições a VV: com sujeito do infinitivo não-pronominalizado, quanto maior for a valência do infinitivo (ou mais extensos forem os seus complementos), menos fácil será VV.⁶ Além disso, o sujeito de um evento transitivo é agente por definição, o que já de si restringe a ocorrência de VV, embora essa agentividade possa não ser perfilada. Tudo isto explica que a frequência de VV seja menor com infinitivo transitivo.

Vejamos alguns exemplos de alternância do causado entre acusativo e dativo.

- (20) a. *Fi-lo comer a sopa.*
 b. *Fiz-lhe comer a sopa.*
 (21) a. *Fê-lo repetir o exame.*
 b. *Deixou-lhe repetir o exame.*
 (22) a. *Fiz-lhe (?-lo) entender que já não a amava mais.*
 b. *Deixei-lhe (?-lo) entender que já não a amava mais.*

Em (20), a alternância resulta do grau de força manipuladora por parte do causador e exprime a distinção entre causação/manipulação directa e indirecta. (20a) envolve um causador coercivo, que até pode usar de força física, e por isso o causado é construído como paciente, obrigado ou forçado a comer a sopa. Em contraste, o uso do dativo, em (20b), mostra uma manipulação mais indirecta, realizada, não através do contacto físico, mas por quaisquer estratégias de persuasão, e por isso o causado é construído como experienciador (recipiente) activo e beneficiário, levado a reconhecer as vantagens em comer a sopa e, assim, a realizar o evento. O caso de (21) ilustra bem a oposição de dinâmica de forças entre *fazer* e *deixar*: a máxima intervenção do sujeito de *fazer* implica um causado paciente, forçado a fazer o que não quer (21a), ao passo que a mínima intervenção do sujeito de *deixar* pressupõe um causado activo e livre, um recipiente que beneficia da concessão de permissão ou do não-impedimento para fazer o que quer (21b). Finalmente, os exemplos de (22) mostram que tanto *fazer* como *deixar*

⁶ Outras razões para evitar VV poderão ser (i) a presença de um objecto indirecto do infinitivo, donde a agramaticalidade de **A Maria mandou entregar os livros às crianças ao Pedro* e (ii) a ambiguidade do sintagma nominal que segue o infinitivo, donde *Ele fez-/mandou/deixou matar o João* poder ser interpretado ora no sentido de ser o João a matar alguém, ora no sentido de ser alguém (não expresso na frase) a matar o João. Notar uma tendência inversa: a expansão do sintagma nominal sujeito do infinitivo é favorável a VV.

se compatibilizam mais com dativo do que com acusativo quando seguidos de verbos mentais e psicológicos. Nestes casos, não se trata tanto de forçar ou não impedir o causado a/de realizar o evento (experenciar um processo mental ou psicológico), mas de o influenciar ou afectar a isso. O causado é afectado, mas não passivamente afectado nem em contacto directo com o causador. Esta construção causativa com dativo perfila a *trajectória de afectação* típica da construção dativa (Maldonado, 2002), isto é, o modo como o sujeito induz uma mudança no experienciador.

Dos três verbos causativos, e ao contrário do que os nossos *corpora* sugerem (cf. Tabelas 5 e 6), *deixar* e *mandar* parecem combinar-se com a construção dativa mais facilmente do que *fazer*. Isto terá a ver com as próprias propriedades semânticas destes verbos, e ainda com a mais forte gramaticalização de *fazer* para a função causativa.

Resta o caso dos verbos perceptivos. A sua marginalidade na construção dativa – apenas 6 ocorrências no *corpus* (cf. Tabelas 5 e 6) – decorre da sua própria natureza semântica. Nenhum verbo de percepção admite objecto indirecto, ao contrário dos três verbos causativos. Com efeito, a percepção é compreendida com uma relação de dois lugares, entre um percebedor e um objecto percebido. O percebedor não é um agente, não tendo, por isso, energia suficiente para perfilar uma qualquer transferência nem envolver um participante activo e beneficiário do domínio alvo. No entanto, há contextos possíveis à construção dativa. Isso acontece sobretudo quando o verbo perceptivo é negado, como em (23a).

- (23) a. *Nunca ouvi dizer um palavrão ao João.* (dativo)
 b. *Nunca ouvi o João dizer um palavrão.* (acusativo)

6. Construção alternativa: construção de complemento finito

Os verbos causativos e os verbos perceptivos ocorrem também, embora bem menos frequentemente (cf. Tabela 3), seguidos por um complemento finito, introduzido pelo complementador *que* (precedido da preposição *com* no caso de *fazer*⁷ e da preposição *a* com verbos como *obrigar*), como ilustrado em (24)-(25). Existe uma diferença: conjuntivo com os verbos causativos e indicativo com os verbos perceptivos.

- (24) *A Maria fez com/mandou/deixou que os miúdos corressem.*
 (25) *A Maria viu que os miúdos corriam.*

A construção de complemento finito codifica a maior *independência* possível do evento subordinado, isto é, uma grau acima da construção VSV. Ela marca, iconicamente, um distanciamento conceptual entre os dois eventos e exprime uma

⁷ No Português do Brasil, atestam-se algumas ocorrências da construção causativa *fazer que*, sem a preposição *com*: *No regime de câmbio fixo, o BC não determina os juros domésticos, pois o mercado fará que eles acompanhem os juros internacionais* (CetenFolha, par Dinheiro-94b-eco-2).

interpretação holística, abstracta e atemporal – e, assim, uma visão mais “mentalizada” – do evento subordinado.⁸

A construção finita assume significados mais específicos consoante o verbo causativo/perceptivo que nela participa. Assim, *fazer com que* torna mais explícita a relação causal e, com causador humano, implica que este age intencional e premeditadamente. A construção *deixar que* exprime também um acto deliberado e premeditado do causador, pelo que, quando este toma uma atitude passiva de não-interferência, essa passividade é sempre reflectida (e neste sentido *activa*). E *mandar que* não implica que a ordem seja dada/recebida directamente. Complementarmente, tem a função pragmática de suavizar a exigência do ordenante, pelo que é esta construção que se utiliza num acto normal de dar uma ordem a alguém – cf. *Mando (Ordeno-te) que saias* vs. *??Mando-te (*Ordeno-te) sair*. Com os verbos perceptivos, a alteração semântica é ainda maior: da percepção sensitiva para a cognição (Sweetser, 1990).

E qual a razão da alternância entre conjuntivo e indicativo? O indicativo constrói o evento complemento como uma “proposição”, isto é, como um elemento independente da concepção do sujeito principal. Os verbos perceptivos são estritamente compatíveis com o indicativo, justamente porque o que eles perfilam é um evento inquestionavelmente ubicado na realidade. Pelo contrário, o conjuntivo indica que o evento complemento é considerado, não em relação à realidade, mas em relação a um espaço mental mais circunscrito, somente relevante ao sujeito principal. Os verbos causativos seleccionam o conjuntivo, em perfeita sintonia com o facto de que o seu complemento não é parte da realidade, mas resultado do *input* de energia do sujeito principal.⁹

7. Conclusão

As construções causativas e perceptivas de infinitivo VSV, VOV e VV mostram ser *simbólicas*, sendo o seu conteúdo semântico caracterizável relativamente ao modo específico de como elas estruturam conceptualmente o evento complemento. A escolha de uma destas construções resulta, para além de factores mais específicos, (i) do grau de independência com que o evento subordinado é visto em relação ao evento principal e (ii) de qual entidade do evento subordinado – o próprio evento como um todo, ou o participante principal nesse evento, isto é, o sujeito lógico do infinitivo – é perfilada como inicialmente saliente. A alternância entre complemento infinitivo e complemento finito, bem como, nesta última construção, a alternância entre indicativo e conjuntivo são

⁸ Em VSV (mas não em VOV nem em VV), o evento subordinado é construído também holisticamente – já que, como vimos acima, nenhum dos seus elementos é, por si só, o alvo da relação principal perfilada pelo verbo principal –, mas não abstracta nem atemporalmente.

⁹ Esta explicação da distinção entre indicativo e conjuntivo, explorada por Achard (1998: cap. 6) para o Francês, fundamenta-se numa noção essencial da Gramática Cognitiva: a noção de *grounding* (*fundamentação*) (Langacker, 1991: capp 3 e 6) ou localização no acto de fala. Assim, os eventos são ora *fundamentados*, isto é, localizados na concepção da realidade por parte do conceptualizador, e nesse caso serão expressos no indicativo, ora situados num espaço mental unicamente associado ao sujeito da conceptualização (e não à realidade), e nesse caso expressos no conjuntivo.

conceptualmente motivadas. Contrariamente a uma longa tradição formalista (generativista), a complexidade gramatical das construções causativas e perceptivas torna-se, pois, explicável à luz do seu conteúdo semântico e das suas motivações conceptuais.

Comparadas com as respectivas construções das restantes línguas românicas, as construções causativas/perceptivas de infinitivo do Português apresentam um *continuum* mais elaborado de integração de eventos e uma *imaginária* (mental) mais rica sobre o evento causado/percebido. Os diferentes verbos causativos/perceptivos exibem maior flexibilidade na estruturação do evento complemento. Consequentemente, a autonomia do significado das construções aumenta e a interacção entre significado do verbo e significado da construção torna-se mais flexível e mais dinâmica.

A análise do uso destas construções, com base num *corpus* representativo, mostrou algumas divergências entre o Português Europeu e o Português Brasileiro, as quais farão eco de diferenças estruturantes entre as gramáticas das duas variedades nacionais: maior produtividade da construção mono-oracional VV na variedade europeia e maior frequência da construção bi-oracional com menor grau de integração de eventos VSV na variedade brasileira.

Finalmente, importantes constructos da Gramática Cognitiva, como *perfil*, *base*, *trajector/landmark*, *grounding*, *zona activa*, *ponto de referência* revelaram-se decisivos na análise das subtilezas semânticas, da complexidade gramatical e conceptual e, enfim, das imagens mentais carreadas pelas construções causativas/perceptivas do Português.

Referências Bibliográficas

- ACHARD, Michel (1996) Two causation/perception constructions in French. *Cognitive Linguistics* 7, pp. 315-357.
- ____ (1998) *Representation of Cognitive Structures. Syntax and Semantics of French Sentential Complements*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- FAUCONNIER, Gilles & Mark Turner (1996) Blending as a central process of grammar. In A. Goldberg (ed.) *Conceptual Structure, Discourse and Language*. Stanford: CSLI Publications, pp. 113-130.
- GONÇALVES, Anabela (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ____ (2000) Propriedades do causado na construção fazer-Inf do Português Europeu. *Actas do XV Encontro da APL*, Braga: APL, Vol. II, pp. 9-26.
- ____ (2001) Predicados complexos com verbos causativos e perceptivos do português europeu. *Actas do XVI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 227-239.
- GONÇALVES, Anabela & Inês Duarte (2001) Construções causativas em português europeu e português brasileiro. *Actas do XVI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 657-671.
- HATCHER, Anna (1944) Je le vois sourire, je le vois souriant, je le vois qui sourit. *Modern Language Quarterly* 5, 275-301, pp. 387-405.

- KEMMER, Suzanne & Arie Verhagen (1994) The grammar of causatives and the conceptual structure of events. *Cognitive Linguistics* 5, pp. 115-156.
- KIRSNER, R. & S. Thompson (1976) The role of pragmatic inference in semantics: a study of sensory verb complements in English. *Glossa* 10, pp. 200-241.
- LANGACKER, Ronald W. (1987) *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. 1: *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.
- _____ (1991) *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. 2: *Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press.
- _____ (1995) Raising and transparency. *Language* 71, pp. 1-62.
- _____ (1999) *Grammar and Conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- MALDONADO, Ricardo (2002) Objective and subjective datives. *Cognitive Linguistics* 13, pp. 1-65.
- MATOS, Gabriela (1999) Desvio e conhecimento linguístico em construções causativas do Português europeu. In Isabel Hub Faria (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos, pp. 541-564.
- _____ (2001) Construções causativas e configurações estruturais. *Veredas. Revista de Estudos Lingüísticos*.
- RAPOSO, Eduardo (1981) *A Construção "União de Orações" na Gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SANTOS, Diana & Luis Sarmiento (2003) O projecto AC/DC: acesso a corpora/disponibilização de corpora. *Actas do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 705-717.
- SILVA, Augusto Soares da (1995) Estruturas causativas no Português: ordem das palavras e atribuição de caso em *fazer, mandar, deixar* + INF. Perspectiva cognitiva. *Actas do X Encontro da APL*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 541-555.
- _____ (1999) *A Semântica de DEIXAR: Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- _____ (2000) The 'letting' causation: Evidence from Portuguese. Paper presented at the Winter Symposium *Structures of Causal Meaning*. Center for Semiotics, University of Aarhus, 27-29 January 2000. Disponível em <<http://www.hum.au.dk/semiotics>>.
- _____ (2003) Da semântica da construção à semântica do verbo e vice-versa. In Ivo Castro & Inês Duarte (orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa: IN Casa Moeda, pp. 383-401.
- _____ (2004a) Cultural determinations of causation. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Vol. I. Coimbra: Almedina, pp. 575-606.
- _____ (2004b) Imagery in Portuguese causation/perception constructions. In B. Lewandowska-Tomaszczyk & A. Kwiatkowska (eds.), *Imagery in Language. Festschrift in Honour of Professor Ronald W. Langacker*, Frankfurt/Main: Peter Lang, pp. 297-319.

- _____ (no prelo) Semântica e cognição da causação analítica em Português. In Neusa Salim & Cristina Name (orgs.), *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.
- SWEETSER, Eve (1990) *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TALMY, Leonard (1988) Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science* 12, pp. 49-100.
- _____ (2000) Force dynamics in language and cognition. In Leonard Talmy (ed.), *Toward a Cognitive Semantics. Vol. I: Concept Structuring Systems*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, pp. 409-470.